

SÍLVIA MARIA DE CONTALDO, *Cor inquietum: uma leitura de Confissões*, Ed. Letra e Vida, Porto Alegre 2011, 144pp. ISBN: 9788581180090

A obra que nos cabe apresentar é o resultado das investigações de Sílvia Contaldo no percurso do seu doutoramento em Filosofia Medieval apresentado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil, sob a orientação do Prof. Doutor Luís Alberto de Boni. A temática, como o próprio título indica, é uma leitura das *Confissões* de Santo Agostinho na perspectiva do coração inquieto, que a autora interpreta como a *interioridade* ou o “manifesto do mundo interior”. Tendo como chave de leitura aquilo que a A. designa como «arco tensional da nossa existência, itinerário horizontalizante cuja aspiração é verticalizante» (p. 30), ou seja, a vivência de Agostinho e os factos narrados nas *Confissões* lançam-no para o futuro, operando-se assim a passagem, sempre enunciada mas nunca plenamente realizada, entre o que é e o que se é chamado a ser, na intranquilidade de um coração que busca compreender-se a si mesmo a partir do «que não lhe ia bem por dentro, suas inquietações e angústias» (p.126).

Obedecendo à sequência narrativa da própria obra agostiniana, na leitura da A., o trabalho está estruturado em três partes: *Manifesto do mundo interior* (p.49-92); *Homo philosophicus* (p.93-108) e *Memorial de Intimidade* (p.109-124). Antes, porém, apresenta-se *Um percurso* (p.33-37) da vida de Agostinho «o pensador da inquietude, da dúvida, da procura da verdade» (p.33), descrevendo-se resumidamente o itinerário educativo, os livros e autores que o marcaram (Vergílio, Cícero, Horácio, Lucrécio, Séneca e Salústio). Neste sentido, e mesmo sendo uma tese de Filosofia, é estranho que não apareça uma referência a Ambrósio de Milão como seu mestre na leitura da Bíblia, bem como aos acontecimentos mais marcantes da vida de Agostinho, desde o roubo das peras à morte do seu amigo de juventude. Factos estes que, na própria interpretação de quem se confessa, o remeteram para si mesmo e o tornaram para ele mesmo uma questão.

A manifestação da interioridade de Agostinho dá-se, segundo a A., na «fonte permanente de perguntas e inquietações» (p.65) que as experiências próprias lhe provocam na busca constante da verdade, e perguntas essas «cujas respostas precisam ser buscadas no mais fundo de nós mesmos» (p.122). Neste sentido, «Agostinho não relata uma mudança de estado, mas um estado de mudança que seria percebido e sentido ao longo da sua vida e cada vez mais profundamente» (p.115). Por isso, «a originalidade de Agostinho não reside no fato de ele fazer perguntas, conhecidas desde os antigos, mas na forma de propor respostas, buscando-as em si mesmo, no seu universo do homem interior» (p.118).

Parecendo ser certo que «*Cor inquietum* resume o que foi a preocupação primordial de Agostinho, de voltar-se para dentro de si mesmo a fim de conhecer e de reconhecer aquilo que o transcende» (p.128), mas não fica claro o que o distingue de autores posteriores, como por exemplo, Freud, referido nas páginas 128 e 129, ou Camus, na pág. 73, para além da autoconsciência e da impertinente formulação de perguntas. Pois, embora isso seja correcto, parece-nos insuficiente, dado a intimidade de Agostinho ser povoada, além de si mesmo e da sua memória, de um Absoluto que, em última instância, será também o seu repouso, a presença dialogante de Deus na alma. Não está suficientemente claro e patente a nota relacional da intimidade agostiniana, feita em diálogo, não simplesmente consigo mesmo, mas com o outro, princípio e destino, diálogo este que se dá precisamente no mais íntimo de si mesmo. Neste sentido, somos da opinião que a A. não tira suficiente partido da citação que dá nome à tese: «*fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te*; fomos feitos para vós e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em vós» (*Conf. I, i, 1*). Quer quanto à origem desta inquietação quer quanto ao seu fim. Enquanto *homo viator* Agostinho está interessado mais em manter esta tensão interna da inquietude, que o impele a aproximar-se cada vez mais da beatitude, do que propriamente um descanso na tranquilidade de quem está satisfeito. Se esta tensão se mantém na não identidade entre aquilo que somos e aquilo para que fomos feitos, a A. só nas últimas páginas deixa antever esta inquietação: «o homem, neste mundo, sofre de uma

desordem estrutural desde a origem. [...] Agostinho era sabedor dessa incompletude» (p.132-133).

Nos nossos dias, que como a A. recorda, «a bibliografia agostiniana é infundável e se calcula recentemente que, sobre o bispo de Hipona, se publica um livro por semana» (p.101, nota 247) é um grande desafio apresentar alguma tese com originalidade sobre o Doutor da Graça. Neste sentido, além da bastante reduzida bibliografia apresentada sobre estudos agostinianos em geral e sobre a temática da interioridade em particular, pareceu-nos ter, pela quantidade de citações em nota de pé de página e pela extensão das citações no corpo do texto, uma grande dependência de Peter Brown autor de uma monumental biografia de Santo Agostinho, a quem vai buscar inclusive o título do cap. 2: “Manifesto do mundo interior”.

Embora se perceba o que a A. quer dizer com o título do apartado no ponto 4 do presente trabalho, “Conversão à Filosofia” (p.114-124), parece-nos um pouco satisfatório o modo como explana essa suposta “conversão”. Neste parágrafo é resumidamente apresentada a tese da não incompatibilidade da fé com a razão. Na verdade, «se considerarmos que uma das intenções filosóficas, senão a principal, é chegar ao conhecimento de Deus, devemos lembrar que Agostinho sabia que o conhecimento é mais longo, ascensional, pois deveria ultrapassar a realidade corpórea, imanente. E, para validar o conhecimento de Deus que se alcança com o intelecto, Agostinho não deixa de afirmar a indispensabilidade da fé. Sem esta associação não haveria nenhuma possibilidade de a razão prosseguir na sua investigação» (p.119). Em última instância, a razão converte-se em sabedoria quando adere à verdade que se busca pela Filosofia, e por isso ela é instrumental. Pelo que julgamos exagerado afirmar uma “conversão à Filosofia” mesmo que «dispensar a razão seria dizer não à Filosofia» (p. 116), tentação fideista a que Agostinho nunca cede. Mais ainda, «Agostinho iniciara suas *Confissões* expondo o que não lhe ia bem por dentro, suas inquietações e angústias, numa espécie de aventura da inteligência, que se esforça a cada passo para conjugar razão e fé. Sob este aspecto, pode dizer-se que *Confissões* é uma história singular desta aproximação, pois deveria guiar-se por esse movimento hermenêutico, voltando-se para si para

compreender Deus, voltar à sua interioridade para abrir-se a Deus» (p.126). Mas o que a A. não refere, e que nos parece igualmente importante, é que Agostinho volta-se para Deus, que descobre na sua intimidade, para se entender a si mesmo.

Merece particular destaque a apresentação do Prof. De Boni no início da obra: *Augustinus semper praesens* (p. 11-22). Aqui, de forma breve e modo claramente apaixonado, o orientador da tese trata de Agostinho como um grande mestre e, sublinhando as qualidades retóricas e poéticas do Bispo de Hipona, traça em poucas páginas um arco completo das questões agostinianas, percorrendo as suas principais obras: «Com o *De Tinitate* Agostinho se tornou o mestre maior da Teologia Católica do Ocidente; o *De Civitate Dei* é o primeiro e mais importante tratado de Filosofia/Teologia da História; seu *De doctrina christiana* é o primeiro tratado de Filosofia da Cultura; o conjunto dos *Sermones* fazem dele o maior orador da Igreja do Ocidente [...]. E muito mais poderíamos dizer dele e de sua obra. Contudo, onde mais nos aproximamos dele é nas *Confessiones*. Não por serem elas a primeira autobiografia de todos os tempos, mas porque, sendo a história da vida interior, essa obra é única e insuperável. [...] O *cor inquietum* que lhe palpita no peito ecoa nas inquietudes de nosso coração; sua sede de verdade é a nossa sede; sua abertura para absoluto responde às nossas perguntas dentro de um mundo relativista; seus ouvidos atentos à voz do homem interior, são o confessionário onde nos encontramos com nós mesmos» (p. 22).

Trata-se, pois, de um trabalho em aberto, de fácil leitura para uma primeira abordagem de Agostinho, onde muito fica por dizer, mesmo no registo de filosofia, mas susceptível de reinterpretações e desafiante para a descoberta da intimidade humana.

GONÇALO FIGUEIREDO¹

¹ Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. E-mail: gondisalus@gmail.com